ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A ARTE DE CURAR NA CURA PELA ARTE: AINDA A CATARSE

Henrique Cairus
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Laboratório Proaera – Faculdade de Letras

RESUMO: A partir da idéia de *kátharsis* nos textos médicos e iluminado pelo fato de Aristóteles haver mostrado, em diversas passagens de sua vasta obra, um conhecimento aprofundado dos textos médicos, o presente texto procura ser uma breve introdução ao estudo das motivações da escolha de um termo como *kátharsis* na Poética e as implicações dessa opção nas ulteriores apreciações dos textos trágicos.

PALAVRAS-CHAVE: – catarse – Poética

ABSTRACT: Based on the idea of *kátharsis* found in ancient medical texts and enlightened by the fact that Aristotle had shown, in many passages of his vast work, a deep knowledge of medical texts, the following paper aims to be a brief introduction to the study concerning the motivations related to the choice of the term *kátharsis* in Ancient Poetry and the implications of that preference in the appreciations of Classical texts.

KEY-WORDS: – catharsis – Poetics

O termo ‘catarse’ nos é familiar e integra o vocabulário corriqueiro de muitos de nós. Dizemos que é catártico um espetáculo, artístico ou esportivo, que nos emocione e que realmente vibre as cordas dos nossos sentimentos, liberando tensões ou mesmo ensejando uma revisão de algum dado de nossas vidas sob uma perspectiva epifânica.

Esse é o sentido de catarse no nosso vocabulário comum, e é esse o nosso ponto de partida aqui.

Ao empregarmos esse termo, estamos evocando tacitamente, e às vezes inocentemente, dois referenciais aos quais quero dedicar-me nessa fala: a filosofia e a medicina.

É certo que devemos a Aristóteles e àqueles que transmitiram seus textos no tempo e no espaço a idéia que temos de catarse; assim como é certo que a idéia sustentada por esse conceito ocupa um lugar fundamental na nossa concepção de saúde da mente.

Catarse está, na obra aristotélica, no cimo de sua apreciação do objeto estético, e, mais especificamente, da representação dramática.

Não está, contudo, na filosofia a chave para a compreensão do conceito de catarse. Como várias outras idéias, a de catarse adentra a filosofia pela fronteira nem sempre bem definida com a medicina e com a religião.

Catarse é, sem dúvida, um termo que orbita em torno da medicina, onde expressa a ação do verbo '*kătharé-o*', que significa simplesmente 'purgar'. Mesmo Platão, no seu *Crátilo* (405a), lembra que são os médicos que lidam melhor com a catarse.

Seu significado, portanto, não seria capaz de alçá-lo ao lugar que ocupa na nossa cultura, não fosse precisamente sua relação com um ideal que se faria hegemônico a partir do final do século VI, especialmente em cidades que, por razões diversas, contribuíram para a manutenção de uma identidade construída havia não muito tempo.

Esse ideal a que me refiro rompia com uma tradição do excesso, da defesa da fúria heróica e da glória imorredoura conquistada pelos feitos grandiosos. Rompia, enfim, com a retórica do muito e da superação dos limites, que, se encontrou sempre grande e natural resistência, também contribuiu significativamente para vitória sobre a grande ameaça da submissão ao mundo bárbaro.

À retórica do excesso opôs-se, tão logo foi possível, o discurso que está na base e no fundamento de tudo o que identificamos por bem-estar, e esse discurso foi sintetizado por uma das expressões mais recorrentes na literatura grega do século V: ΜΗΔΕΝ ΑΓΑΝ.

O bem-estar do corpo – do corpo biológico e do corpo social, cuja forma modelar era a pólis – dependia de uma ausência de excesso, de um equilíbrio.

No quarto capítulo do tratado hipocrático *Da natureza do homem*, lê-se: "O corpo do homem tem saúde precisamente quando seus quatro humores são harmônicos (*ékhei metríos*) em proporção, em propriedade e em quantidade, e principalmente se estiverem misturados".

Essa é a definição de saúde mais antiga da tradição ocidental, e seu princípio, como apontou Georges Canguilhem nunca deixou de reger o pensamento médico, porquanto ainda

hoje a etiologia secundária, e talvez a primária, no estudo da patogênese sustenta-se nos prefixos hiper- e hipo-, no excesso ou na falta de algo, na desarmonia, portanto.

Os pressupostos etiológicos induzem a procedimentos terapêuticos que consistem em eliminar o hipo-, pelo acréscimo (onde se privilegiavam as técnicas dietéticas), e extinguir o hiper- através da purgação, ou seja, da catarse.

Como o excesso e a falta também caracterizavam todas as 'doenças' sociais, os distúrbios da pólis, seria esperado que também fosse possível uma catarse da cidade, e das formas dessa 'terapia social' as mais célebres eram o ostracismo e o ritual que ficou conhecido como do 'bode expiatório', mas realmente não foram esses os únicos métodos de purgar o mal da cidade. O certo é que as relações analógicas entre a cidade e o corpo humano são tão atuais quanto remotas, muito mais eficazes e presentes do que por vezes aparentam ser.

O tipo de catarse mais comum é a êmese induzida por algum fármaco, mas sua administração sempre exigiu muita cautela do médico que conduzia o processo. Era preciso purgar apenas o excesso, nada mais, nada menos. Para deixar dizer o tratado *Da natureza do homem* (4): "Quando um desses humores flui para fora do corpo mais do que permite sua superabundância, o esvaziamento causa sofrimento".

Havia, por parte de alguns autores do *Corpus hippocraticum*, uma otimista crença de que todas ou quase todas as doenças poderiam ser curadas assim, desde que as condições de atuação do médico, do fármaco e da dieta fossem favoráveis; ou seja, desde que não fossem perturbadas com interferências que poderiam vir de algum gesto voluntarioso do paciente ou da credulidade do médico na palavra pouco autorizada do paciente e dos que o cercavam. Esse pensamento está detalhado no tratado *Da arte*, paradoxalmente uma das peças mais importantes para o estudo da medicina como um discurso.

A medicina, como discurso, como *tékhne* e como práxis social além de haver se popularizado nas principais cidades do século V grego, também se tornou referencial e passou a freqüentar os textos teatral, filosófico e historiográfico. Foi ao falar sobre a medicina, por exemplo, que Platão (Fedro, 270c) nos lega o mais antigo registro do termo 'método', com o significado com o qual o usamos até hoje.

Platão, sempre importante porque lido, em um diálogo socrático intitulado Fédon (67a-d), que tematiza a *psykhé*, afirma que essa alma, essa *psykhé*, para ser plena e muito próxima ao saber deve fazer uma catarse da *aphrosýne*.

Se a *sophrosýne* é a faculdade de ponderar, a *aphrosýne* é a ausência dessa mesma capacidade. É um dos termos que designava a loucura entre os gregos, que designava um tipo de problema mental que se confundia não raro com a *manía* e que também integrava o quadro sintomático da melancolia, a grande loucura, oriunda do excesso da bile negra.

Essa é a primeira relação da catarse com a loucura, mas não é a única. À medida que a *manía* relaciona-se com a melancolia, torna-se necessária uma intervenção catártica que devolva a *sophrosýne* ao afetado. Seria preciso, pois, purgar o excesso de bile negra; seria preciso procurar a saúde no restabelecimento do equilíbrio.

A natureza tem, segundo esses princípios aqui apresentados, uma predisposição à saúde, uma tendência ao equilíbrio, que, se rompido, deve ser retomado por meio de algo a que os gregos chamavam de *tékhne,* ou seja, um conjunto de saberes direcionado a uma aplicação com praticidade funcional.

A medicina é uma *tékhne*. Ela é um conjunto de saberes que se dedica ao restabelecimento da saúde, do estado natural de equilíbrio. Para isso, a *iatrikè tékhne*, nome que os gregos davam à medicina, dispunha de um instrumental com o qual dialogava com a natureza, e esse instrumental era formado pelo fármaco, pela dieta e mais raramente pelas manobras físicas.

A medicina é, assim, um elemento da cultura que dialoga com a natureza, através de seus instrumentos próprios, e procura restituir à natureza o que lhe foi tirado pelos excessos inerentes à cultura.

É nessa tensão que encontramos a medicina lutando contra a mais popular das *nósoi*, a loucura. Pois é da natureza do homem produzir cultura e inserir-se nela, e, se algo o impede de fazê-lo é preciso intervir. Mas o estado de volta à natureza – e de negação da cultura -- é apenas o mais elevado estágio de negação da natureza, que é a inserção na cultura.

Em certa medida, a psiquiatria ainda se alimenta desse paradoxo.

Faço um pequeno parêntese para assinalar que havia ainda uma outra loucura, cuja relação com a natureza diferia da loucura ou da *manía* dos médicos; era a *manía* religiosa, a

do coribantismo, do dionisismo e de outras manifestações de culto que incluíam em si a catarse, mas a catarse da alma, que funcionava analogicamente à catarse médica, do corpo.

Quer definamos a catarse e a *manía* pelo viés da norma ou pelo ponto de vista do limite, é certo que encontramos a figura necessária do nomeador, daquele que nomeia e diagnostica a loucura. A *manía* é sempre um fenômeno social.

Os excessos da *manía* formavam um ciclo fechado que só poderia ceder à força interventora de um instrumental adequado que lhe arrancasse a purgação, a catarse, pois a loucura se retroalimenta com os excessos que produz.

Para lembrar Platão, é preciso, pela catarse, afastar a *aphrosýne,* é preciso, portanto, restabelecer a *sophrosýne*.

No *Sofista* (227d & sq), de Platão, encontramos uma definição de uma catarse que pode prestar-se a uma chave de leitura para a catarse aristotélica: o *katharmós* traduz-se pela rejeição de tudo que for *phlaûron*, e, em se tratando de *psykhé*, o que é *phlaûron* é *kakía*. E essa *kakía* somatiza-se em doença ou em uma feiúra vergonhosa. E mais: essa doença, segundo o estrangeiro interlocutor do jovem Teeteto, é equivalente (ou a própria) *stásis*. A doença-*stásis* vem do rompimento dos tratos de convívio, e a feiúra vergonhosa é caracterizada pela *ametría*. Para todos esses males, o mesmo remédio: a catarse, que, ainda segundo Platão, devia ser efetuada por meio de *élenkhoi*, ou seja, por instigações argumentativas.

Platão, decerto, não desconhecia os princípios catárticos da emoção no que tange ao psiquismo tanto do indivíduo quanto da própria coletividade, como demonstra no oitavo livro da *República* (560a-561a), mas foi Aristóteles quem produziu um discurso sobre a catarse realmente análogo ao da medicina, especialmente no conhecido passo da *Política* (1341b-1342a) sobre a música, em que essa manifestação é interpretada como pedagógica ou catártica.

A catarse aristotélica, especialmente aquela que encontramos na Poética (1449b), também se insere nesse projeto de salvaguardar a *sophrosýne*. E o instrumental dessa catarse é claramente nomeado: os *páthe*, as perturbações das quais o espírito é passivo. Tal purgação é realizada de uma forma particularmente complexa sobre a qual interessaria falar em outra ocasião, mas, hoje, o que nos interessa aqui é reconhecer que, segundo Aristóteles, o teatro

visava a essa purgação, e que a emoção extremada do *páthos* funcionava como fármaco emético.

A catarse de Aristóteles, assim como a catarse filosófico-religiosa dos pitagóricos, tracejava o que mais tarde foi relido como loucura filosófica, que deveria ser distinta da loucura física. E foi precisamente repensando a idéia de *páthos* que Pinnel, no séc. XVIII, em seu "Tratado médico-filosófico de alienação mental" redimensiona a loucura dando-lhe corpo e alma, tornando-a, enfim, humana.

Ao pensarmos no sentido políade da catarse, somos levados à lembrança do texto onde mais claramente o corpo é uma representação da *pólis* e a medicina, um modelo para pensá-la. Refiro-me à História da Guerra do Peloponeso, de Tucídides.

No livro segundo dessa obra, encontramos uma fusão da representação com o objeto representado, quando a cidade adoece no seu corpo único e também nos corpos dos indivíduos que a compõem.

A idéia da cidade com um corpo único está, como sabemos, presente em todas as obras trágicas, e, até certo ponto, a possibilidade dessa figuração da pólis viabiliza a própria tragédia, conquanto a eficácia do espetáculo trágico – catártica, se seguirmos Aristóteles – não pode prescindir da comunhão entre o individual e o coletivo.

É seguramente essa aproximação que possibilita a ação da catarse social da pólis. A pólis purga seus excessos e restabelece sua saúde arbitrada pelos princípios políticos da democracia.

Chegamos, então, ao último ponto da fala, que trata especificamente da relação entre *hýbris* e catarse.

A *hýbris* implica em uma fronteira, pois é a ultrapassagem mesma desse limite. E, se essa característica da *hýbris* é inerente a ela, podemos, por outro lado, considerar que esse limite não é sempre o mesmo.

O limite que delineia a *hýbris* pode ser um em Homero e será certamente outro em Sófocles, por exemplo. E tal variação torna a *hýbris* um conceito oscilante, o que já rendeu inúmeros estudos, como a polêmica obra de Fisher e o histórico artigo de Cairns.

Integra também o conceito de *hýbris* a sua contrapartida, e é precisamente nesse ponto que ela se encontra com a catarse. A contrapartida negativa da *hýbris* tem a função reguladora de uma ordem, uma função que também, ainda que de outra forma, é exercida pela catarse.

A *hýbris* é um processo, é uma ação, e uma ação que exige uma espécie de catarse como contrapartida, pois é preciso eliminar algum excesso, é preciso purgar algum mal e é necessário sobretudo voltar às bordas do limite que se impõe ou pelos deuses ou pelas instituições humanas.

A ordem proposta pelo limite nem sempre equivale à catarse que recupera o meio-termo, e, como vimos, nem sempre a própria catarse quer recuperar esse meio termo, mas muitas vezes ela é um elemento integrante da estrutura hybrística, atuando como um ponto de sua contrapartida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTELIS *De arte poética liber.* Recognivit brevique adnotatione critica instruxit Rudolfus KASSEL. Oxford: Oxford University Press, 1982.

CAIRNS, D.L. "*Hybris*, Dishonour, and Thinking Big". In: *Journal of Hellenic Studies* 116 (1996) pp. 1-32.

CAIRUS, H.F e RIBEIRO Jr, W. A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença.* Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 3ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

FISHER, N.R.E. *HYBRIS – A Study in the values of honour and shame in Ancient Greece.* Warminster, England, Aris & Phillips, 1992.

HIPOCRATE. *Des vents. De l'art*. Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

PLATON. *Oeuvres complètes. Cratyle*. Texte établi et traduit par Louis MÉRIDIER. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

________. *Oeuvres complètes. Le Sophiste.* Texte établi et traduit par A. DIÈS. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

________. *Oeuvres complètes. Phédon.* Texte établi et traduit par Paul VICAIRE. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

________. *Oeuvres complètes. Phèdre*. Texte établi et traduit par Léon ROBIN. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

________. *Oeuvres complètes. La République*. Texte établi et traduit par Émile CHAMBRY. Paris: Les Belles Lettres, 1989. 3 vols.

THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Texte établi et traduit par Jacqueline de ROMILY. Paris: Les Belles Lettres, 1995. 5 vols.

[Recebido em março de 2008; aceito em março de 2008.]